

ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E SEUS IMPACTOS NA PSIQUE HUMANA

Carolina Antunes de Jesus¹

Lucas Abs da Cruz Preto²

Manoela Fernandes Komka Vicente³

Juliane de Moliner⁴

¹ Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário Avantis – UNIAVAN. E-mail: carolantunes994@gmail.com.

² Acadêmico do curso de Psicologia do Centro Universitário Avantis – UNIAVAN. E-mail: lucas.abs.preto@gmail.com.

³ Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário Avantis – UNIAVAN. E-mail: manoelakomka@gmail.com.

⁴ Mestre em Saúde Coletiva, graduada em Psicologia. E-mail: Juliane.moliner@uniavan.edu.br.

RESUMO

Quando se pensa em uma figura masculina ou feminina logo somos remetidos por uma ideia relativamente fixa do que tal imagem representa. Ao homem são atribuídas características fortes, assertivas e poderosas, enquanto à mulher são delegadas características belas, delicadas e maternais. Todos esses traços são caracterizados por uma construção histórico-social do que significa ser um homem e uma mulher. Este trabalho propõe-se a investigar a construção dos estereótipos de gênero e as suas consequências na psique humana. A pesquisa é bibliográfica e foi realizada de forma qualitativa. A interpretação de dados foi feita dialeticamente, levando em consideração os fatos sociais de uma forma totalitária. Ao longo da pesquisa observou-se uma quantidade limitada de materiais disponíveis na língua portuguesa sobre o tema, mostrando-se imperativa a desconstrução dos estereótipos para a promoção do bem-estar tanto individual quanto social, tornando-se fundamental a realização de mais pesquisas sobre o assunto em questão.

Palavras-chave: Gênero. Estereótipos. Psique.

GENDER STEREOTYPES AND THEIR IMPACT IN THE HUMAN PSYCHE

ABSTRACT

When we think of a male or female figure we are soon referred by a relatively fixed idea representing their image. Men are considered strong, assertive and powerful while to women are delegated characteristics such as beautiful, delicate and maternal. All traits are characterized by a historical-social construction of what being man and a woman means. This work aims to investigate the construction of gender stereotypes and their impact in the human psyche. The research is bibliographical and was carried out in a qualitative way. The interpretation of the data was made dialectically taking into consideration the social facts in a totalitarian way. Throughout the research was observed by the authors a limited amount of material available in Portuguese on the subject, indicating the urgency to deconstruct the stereotypes for the promotion of both individual and social wellbeing, making it fundamental to conduct more research on the subject in question.

Keywords: Gender. Stereotypes. Psyche.

1 INTRODUÇÃO

Tem-se observado no contexto social atual um grande foco nas questões de igualdade de gênero e a luta para combater as desigualdades existentes entre homens e mulheres que assolam a sociedade e prejudicam a vida e o bem-estar dos indivíduos nela inseridos. Contudo, a fim de combater tais problemas sociais, se faz necessário estudar a fundo as raízes de tal questão, buscando encontrar os motivos aos desígnios mediante o que significa pertencer a um determinado gênero, e como foi construída historicamente a cultura. Afinal, existindo a desigualdade entre homens e mulheres, é necessário analisar o que cada um desses representa, a fim de modificar as discrepâncias relacionadas ao tratamento dado aos indivíduos de um gênero específico. Portanto, considerando-se o apontado, o tema foi escolhido visando

ilustrar a situação acima exposta e se aprofundar neste contexto que faz parte da vida dos autores deste artigo.

Estereótipos, dentro do campo social, são conteúdos mentais simbólicos que influenciam a percepção e a interpretação de informações de fatores sociais e as tomadas de decisões, agindo de forma determinante na construção de uma realidade individual (LEITE, 2008). Tais representações, para o psicólogo romeno Moscovici (2010), são ao mesmo tempo construídas e adquiridas, não existindo separação entre o universo interno do indivíduo e o universo externo a ele. Observa-se, então, uma relação entre as concepções generalizadas de cada indivíduo e os estereótipos sociais encontrados no seu meio.

Através da criação de certas expectativas, assim como a tipificação de tarefas que favorecem segregações, são determinados campos que as mulheres são “incapazes de fazer” e atitudes que um homem “não deveria ter” (MORAIS; STREY; PULCHERIO, 2009), conseqüentemente, induzindo os sujeitos a se adaptarem aos padrões estabelecidos a fim de obterem sucesso e aprovação social perante a coletividade. Dessa forma, o reconhecimento das diferentes posições em que se encontram homens e mulheres, e a observação das estruturas do mundo como sexuado, são obrigatórias para um entendimento da realidade em suas múltiplas dimensões.

Dito isto, a pesquisa teve como questão norteadora verificar quais seriam os impactos psicológicos gerados pelos estereótipos de gênero nos indivíduos, tendo como objetivo geral verificar o impacto psicológico destes estereótipos na vida de jovens e adultos. Além do objetivo principal, elencou-se dois objetivos específicos, sendo esses: identificar quais seriam os estereótipos de gênero para homens e mulheres e analisar as influências do meio na identificação do indivíduo.

Em relação às hipóteses levantadas referentes aos objetivos e questão problema, supôs-se que os valores encontrados para os estereótipos de “homem” e “mulher” ou “masculino” e “feminino” tenham uma grande diferença entre eles. Enquanto ao homem são delegadas ações de iniciativa e força, à mulher é delegada a passividade e a sensibilidade. Tal segregação pode ser observada na sociedade, através das profissões que cada sexo escolhe exercer. Quando pensamos em policiais, automaticamente somos remetidos à ideia de um homem, enquanto o oposto ocorre quando somos levados a área de enfermagem.

Além de desdobramentos na sociedade, tal estereotipagem acarreta em indivíduos com problemas em suas vidas pessoais. Segundo Portillo (2007), a valorização social do comportamento viril no homem desde sua infância e o desencorajamento de comportamentos assertivos em mulheres podem ocasionar indivíduos psicologicamente imaturos, com traumas levados ao inconsciente do ser. Dessa forma, o inconsciente pode se manifestar de maneira negativa, provocando alterações no comportamento e sentimentos pessoais, fazendo, entre outros, com que homens não se sintam livres para expressarem suas emoções e que as mulheres se sintam incapazes de agir de forma assertiva.

Levando essas informações em consideração, pode-se assumir a estereotipagem de gêneros como a causa de preconceitos contra o sexo feminino, sendo esse visto como inferior devido ao seu caráter passivo e de servidão que adquiriu com o passar do tempo, cabendo a todos, homens e mulheres, a revisão de tais valores, para a desconstrução desse estigma.

Mediante o supracitado, observa-se que homens devem seguir um modelo de poder e segurança alcançável por poucos, enquanto mulheres sentem-se obrigadas a serem sempre belas e calorosas. Esse padrão pouco leva em consideração a individualidade de cada ser, podendo ocasionar conflitos internos que podem resultar em transtornos como a ansiedade e a depressão. Assim sendo, esta pesquisa pretendeu, através de revisão bibliográfica, identificar quais são os estereótipos de gênero e as suas consequências na psique humana, tendo como principal justificativa a importância de mostrar como as expectativas advindas de um estereótipo exercem uma coerção sobre o indivíduo.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa se caracterizou como qualitativa, aonde foi feita uma revisão bibliográfica que, segundo Lakatos e Marconi (2003) fornece uma nova ideia sobre a temática abordada, com o objetivo de explorar o tema proposto. A revisão bibliográfica se deu através de artigos encontrados utilizando-se da ferramenta Google Acadêmico e da plataforma SciELO, limitando-se à língua

portuguesa e inglesa e não utilizando-se de nenhum recorte específico de período de publicação.

A busca dos artigos foi feita usando-se das palavras-chave “estereótipos” e “gênero”. Logo após foi feita uma apuração dos títulos mais pertinentes, conforme o Quadro 1. Após a realização das leituras houve a discussão e integração das ideias e o discorrimento dos resultados visando o alcance dos objetivos elencados.

Quadro 1: Artigos selecionados na coleta de dados

Site de busca	Palavras-chaves	Título do artigo	Ano da publicação	Autores
SciELO	Diferença, igualdade, relações de gênero	Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate	2005	ARAÚJO, M. de F.
Google Acadêmico	Gender, stereotypes	Gender stereotypes about intellectual ability emerge early and influence children's interests	2017	BIAN, L.; LESLIE, S.; CIMPIAN, A.
Google Acadêmico	Emotion, gender, gender stereotypes, psychological therapy	Gendered Differences in perceived emotion: the impact on clinical diagnoses and treatment	2012	BUNTING, J.
SciELO	Gender stereotypes, dynamic of stereotypes, social roles	Analysis of current genders stereotypes	2014	CASTILLO-MAYÉN, R.; MONTES-BERGES, B.
SciELO	Diferenças entre os sexos, estereótipos de gênero, papéis de gênero	As diferenças entre os sexos: mito ou realidade?	2003	POESCHL, M.; MÚRIAS, C.; RIBEIRO, R.
Google Acadêmico	Gender, stereotypes	Gender, status, and leadership	2001	RIDGEWAY, C. L.

Fonte: Próprios autores, 2019

A análise e interpretação de dados foi realizada de forma dialética, fornecendo bases para uma interpretação dinâmica da realidade e levando em consideração os fatos sociais de uma forma totalitária, privilegiando, desta forma, mudanças qualitativas (PRODANOV, FREITAS, 2013).

3 OS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO AO LONGO DA HISTÓRIA

Quando se pensa em uma figura masculina ou feminina logo se é remetido à uma ideia relativamente fixa do que tal imagem representa. Ao homem são atribuídas características fortes, assertivas, poderosas e provedoras, enquanto à mulher são delegadas características gentis, belas, delicadas e maternais.

Pais passam a seus filhos uma concepção do que pertencer a cada gênero representa e estas crianças crescem e realizam o mesmo com a sua própria prole, gerando um ciclo ininterrupto de passagem de informações de geração para geração. Essa idealização de gênero se tornou tão natural que muitas vezes não se percebe que este fato ocorre por meio de uma construção social.

Antes do século XVIII não havia um modelo para a sexualidade humana como se entende atualmente. Como afirma Foucault (1986 *apud* SILVA, 2000), até então o termo sexualidade não existia, sendo criado no século XIX. Dessa forma, cabia aos homens e mulheres daquela época entender apenas as normas da diferença sexual entre ambos.

Naquela época, segundo Silva (2000), a concepção predominante era a do *one-sex-model* ou monismo sexual. O homem era visto como anatomicamente perfeito, sendo a mulher, então, entendida como um homem invertido (o útero era considerado o escroto feminino, os ovários os testículos, a vulva um prepúcio e a vagina o pênis) e considerada menos desenvolvida na escala de perfeição metafísica. Com o modelo de perfeição do corpo masculino, a relação entre reprodução e sexo era seguida conforme este padrão, mantendo uma narrativa de inferioridade da natureza anátomo-fisiológica da mulher.

Apenas na passagem do século XVIII para o XIX o conceito de monismo sexual que deu lugar ao *two-sex-model* (SILVA, 2000), ordenando, então, o sexo como uma questão político-social. A partir dessa premissa, foram impostas diferenças morais aos comportamentos femininos e masculinos de acordo com as exigências das sociedades capitalistas, burguesas, nacionalistas, imperialistas e colonialistas implantadas na Europa.

Em seguida, a mulher passa a ser considerada o inverso ou forma complementar do homem, mantendo ainda seu caráter de inferioridade tanto nas esferas públicas como privada, devido ao conceito neoplatônico científi-

co, as religiões monoteístas e patriarcais e a nova ordem político-econômica do novo estado burguês (COSTA 1995 *apud* SILVA, 2000). Tal inferioridade era assegurada pelo papel de cada sexo na sociedade, sendo delegadas ao homem tarefas dirigidas para o mundo social, econômico e político, enquanto o papel da mulher era restrito ao mundo doméstico e familiar.

A bissexualização originária a partir desse período, como afirma o autor, ressalta a relação de poder existente do masculino sobre o feminino, referindo-se à inferioridade da mulher por sua fragilidade corporal, e posteriormente, sobre o prazer erótico. Por ser considerada mais frágil, à mulher eram dados menos privilégios que aos homens.

Com a chegada do século XIX veio a reprodução das desigualdades sociais e políticas entre homens e mulheres e a diferença entre eles passou a fundamentar os gêneros masculino e feminino. Burgueses, filósofos e sociólogos se propuseram a especificar as qualidades morais, sociais e intelectuais dos indivíduos partindo-se da diferença entre os sexos (SILVA, 2000).

À medida que o tempo passou, os estereótipos para cada gênero se alteraram para melhor atender as necessidades mercadológicas e sociais de cada período. O que atualmente pode ser considerado masculino, era considerado feminino em um período anterior, e vice-versa. No século XIX, na pré-Revolução Industrial, os homens mantinham uma participação doméstica muito mais significativa, pois as tarefas da casa eram consideradas obrigações de ambos. Contudo, com a industrialização da sociedade, o trabalho se tornou um ambiente competitivo e tipicamente masculino, e assim um “lugar de homem”, enquanto a mulher foi relegada para cuidar da casa e da família.

Nos séculos XIX e XX as mulheres se encontrariam à mercê de seu aparelho reprodutivo, que muitos acreditavam tornar seu comportamento emocional errático e imprevisível, destacando a imagem construída de uma figura frágil, da qual decorriam sua delicadeza e debilidade moral (SANTOS, 2009).

Nas narrativas então encontradas, observa-se que à natureza masculina é atribuída atributos como ‘forte, corajoso, ativo, inteligente e pensante’, e à feminina os atributos ‘fraca, submissa e passiva’. Segundo Santos (2009), filósofos iluministas acreditavam que a mulher, mesmo tendo acesso ao conhecimento, não era digna de ser elogiada por isso e nem seria capaz de fazer uso concreto dele, considerando indigno o elogio de seu in-

telecto também por ir contra a ideia de que ela é apenas bela. A partir da década de 1920, discursos biológicos e sociais passam a ser utilizados para caracterizar tais diferenças ‘necessárias e complementares’, como pode ser observado no discurso de Moncorvo Filho, um dos principais expoentes da medicina higienista do Brasil.

O homem tantas vezes amando a sangueira – guerras, revoluções, crimes e vícios – nem sempre é o animal dócil, meigo e cordato que fora para desejar. A mulher, quasi sempre bondosa e meiga – pensamento inclinado para o Bem – com encantadora meiguice olhos fitos nos filhos, prodigalizando-lhes o carinho, o afago, a educação e os bons sentimentos, não raro se constitui um verdadeiro anjo do lar! (MONCORVO FILHO, 1925 *apud* SANTOS, 2009, p. 5).

Segundo Freitas (2014), com a revolução tecnológica no final dos anos 50 e a inserção da mulher no mercado de trabalho, as mulheres passaram a reivindicar seus direitos, propagando suas próprias ideias sobre o gênero feminino, reforçando as ideias feministas e realizando processos de mudança sobre sua própria imagem, desejando mudar a sua situação de submissão. Durante o século XX, a mulher se emancipou, alcançou o mercado de trabalho e começou a pedir ajuda em afazeres domésticos, surgindo então, a mulher como uma figura social, não apenas mãe e/ou esposa.

Após ganhar o espaço até então masculino do mundo do trabalho, as mulheres foram se tornando cada vez mais independentes e, com a chegada dos anos 80 e 90, vieram uma nova figura da mulher, dona de sua própria carreira, realizadora de processos pessoais e independente (FREITAS, 2014).

Enquanto o estereótipo masculino pouco mudou em relação ao passado, a imagem feminina foi transferida no final do século XX de um ideal doméstico para um de beleza. Agora, para a mulher ser feliz e bem-sucedida, ela deve seguir um modelo inquestionável de beleza, devendo parecer sempre jovem e bela. Através da cultura da época, “centrada no prazer e no sexo, no lazer e na livre escolha individual” (LIPOVESTKY, 2000 *apud* FREITAS, 2014, p. 121), a figura da mulher passou a significar além de um estereótipo doméstico, o de beleza.

Porém, conforme Rocha (2014), a partir dos movimentos de crise iden-

titária que começaram na década de 70, juntamente com uma recepção do pós-estruturalismo por parte das feministas, gays e lésbicas, houve, no final da década de 80 do século XX, o início da luta por uma identidade mais abrangente, tanto de gênero como de sexo.

O desenvolvimento da teoria *queer*, que segundo Rocha (2014, p. 510) “[...] recusa a definição e a estabilidade, é transitivo, múltiplo e avesso à assimilação. [...] defendendo a instabilidade e a indeterminação de todas as identidades sexuadas e generificadas”, precede a iminente concepção não-binária de gênero, explicitada por Reis e Pinho (2016) como um leque de opções que transitam entre o feminino e o masculino.

A ressignificação da identidade de gênero para Rocha (2014) será, portanto, contínua, pois a identidade de um gênero se dá através de um processo social e histórico constituído pelo discurso. Aliás, conforme Reis e Pinho (2016) esse gênero agora não será mais determinado pelo sexo biológico e sim pelo “[...] contexto sociocultural [...]”, a ideia é de uma separação do “[...] estruturalmente natural (sexo) [...]” do “[...] socialmente construído (gênero) [...]”.

Isso irá dar início à falência do sistema binário de gênero e promoverá novas identidades de gênero, cada qual com seus devidos estereótipos, conceitos recentes e que ainda se encontram em processo de difusão social.

Vale ressaltar que todos estes estereótipos, de acordo com Blum, Mmari e Moreau (2017) causam - desde as primeiras restrições na fase dos 10 aos 14 anos ligadas ao papel do gênero como, por exemplo, o resguardo sexual da mulher ao seu homem, tornando-a dócil, delicada e indefesa, e as atitudes assertivas e de liderança cobradas do homem - diversos efeitos na vida adulta destas pessoas. Dentre estas consequências tem-se o aspecto psicológico que, segundo os autores, expressa-se em tendências depressivas nas mulheres e inclinação ao suicídio em homens.

3.1 INFLUÊNCIAS DO MEIO E IDENTIFICAÇÃO DO INDIVÍDUO

Ao longo da história criou-se um estigma envolvendo as palavras que se referiam às mulheres como sendo algo insignificante. Através destas diferenciações impostas pela sociedade é possível notar que os meios político, cultural e até religioso exerceram uma grande influência na perspectiva das pessoas sobre o que seriam, mais tarde, os chamados papéis de gênero ‘feminino’ e ‘masculino’ dentro de suas comunidades, estipulando padrões a serem seguidos além dos até então reconhecidos fatores biológicos.

Segundo Beauvoir (1970), as mulheres, por exemplo, eram menosprezadas, tidas como frágeis e submissas aos homens, servindo apenas para o papel doméstico (com raras exceções), enquanto os homens eram relacionados ao poder, à virilidade.

“A autoridade pública ou simplesmente social pertence sempre aos homens”, afirma Lévi-Strauss ao fim de seu estudo sobre as sociedades primitivas. O semelhante, o outro, que é também o mesmo, com quem se estabelecem relações recíprocas, é sempre para o homem um indivíduo do sexo masculino. A dualidade que se descobre sob uma forma ou outra no seio das coletividades opõe um grupo de homens a outro grupo de homens, e as mulheres fazem parte dos bens que estes possuem e constituem entre eles um instrumento de troca (BEAUVOIR, 1970, p. 91).

Nesse caso vemos uma desconstrução de valores impostos anos atrás que ainda eram seguidos por uma sociedade que não dava direitos e valores igualitários. Há uma quebra quando mulheres começam a lutar para conseguir coisas já básicas aos homens, mas importantes para elas, já que ao longo da história isso nunca lhes foi garantido. Ao mesmo tempo, a sociedade não aceita isso, pois pensa que elas devem seguir as funções já impostas.

Nessa sociedade vale mais algo biológico do que social. Se uma pessoa nasce mulher, ela deve carregar esse fardo biológico e não pode fazer outras coisas intituladas ‘coisas de homem’. Sim, existem traços não apenas biológicos que diferem homens e mulheres, porém esses são mínimos e não influenciam em questão de voto, valores ou escolhas.

Mediante tais fatos, podemos dizer que o que caracteriza cada gênero

é relativo a momentos históricos e contextos, contudo, suas consequências podem ser vistas até os dias atuais. Não importando onde e quando uma pessoa nasce, os estereótipos de gênero afetam a saúde física e mental de um indivíduo, como mostra uma pesquisa realizada em 15 países e publicada no periódico *Journal of Adolescent Health* (BURNESSESS, 2017).

Segundo Burness (2017), os modelos de gênero têm impacto direto na vida das pessoas, oferecendo riscos para a saúde dos adolescentes que são moldados por comportamentos enraizados em estereótipos de gênero, estando esses bem estabelecidos a partir de 10 ou 11 anos de idade.

Garotas que foram apontadas como vulneráveis passam a acreditar em tal fato, se tornando mais predispostas a deixarem a escola, sofrerem violência física e sexual, casarem quando crianças, engravidarem precocemente, se infectarem com HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis (BURNESSESS, 2017).

Meninas também relataram acreditar, como afirmado por Burness (2017), que seus corpos são um grande risco que precisa ser encoberto, em países como Nova Deli. Enquanto em Baltimore, garotas afirmam ter o corpo como principal recurso e que precisam parecer atraentes. Os pesquisadores chegaram à conclusão de que a adolescência se mostra como um divisor de águas, expandindo o mundo para os garotos e se contraindo para as meninas.

Porém, garotos não deixam de ser prejudicados com o modelo masculino. Pesquisadores apontam que os estereótipos aprendidos na adolescência, principalmente os relativos à força e independência, os torna mais propícios à violência física e aumentam a probabilidade para que o indivíduo fume e cometa atos abusivos, como por exemplo, o homicídio.

Examinando as relações entre os adolescentes e os modelos de gênero foram encontradas certas tolerâncias para com garotas que iriam além de seu estereótipo e usavam calças, praticavam esportes ou se dedicavam a determinadas carreiras, mas nenhuma para os garotos que procuram fazer o mesmo. Garotos que buscam ir além do padrão através do seu jeito de vestir ou seu comportamento são vistos como socialmente inferiores. De acordo com os pesquisadores, tanto garotos quanto garotas afirmaram que se um dos meninos fosse encontrado adotando comportamentos considerados femininos, como pintar as unhas, esse poderia sofrer *bullying* ou ser agredido

fisicamente (BURNES, 2017).

Certas violências na adolescência mostram consequências no futuro, principalmente perante a tomada de decisão de carreira que cada pessoa deve exercer. Devido ao bombardeamento constante em que mulheres são submetidas desde cedo, autores afirmam que mulheres simplesmente evitam certas profissões, como matemática e física, devido à crença de que é preciso ter um talento natural para seguir tais carreiras (PIERRO, 2015).

Segundo Sarah-Jane Leslie (2011 *apud* PIERRO, 2015), professora do Departamento de Filosofia da Universidade de Princeton, tal mensagem é o produto de estereótipos de gênero na ciência. Para a pesquisadora, ao internalizar tais estereótipos, as mulheres decidem qual campo não é para elas e, como resultado, acabam tendo pouca representação nessas áreas. Por exemplo nos Estados Unidos, local onde foi realizada a pesquisa, mostra-se que há mais doutoras atuando em história da arte e psicologia (cerca de 70%) do que em economia e filosofia (menos de 35%).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com Araújo (2005) o termo gênero começou a ser utilizado na literatura feminista para designar os aspectos sociais e culturais referentes ao sexo (os aspectos biológicos). Através desta perspectiva despontaram-se os estudos referentes às relações de gênero e as relações de poder que as permeiam, surgindo, na atualidade, o interesse pela igualdade entre estes.

Durante a história é perceptível uma hierarquização de homens sobre mulheres. Segundo Poeschl, Múrias e Ribeiro (2003) existiam autores que frisavam que biologicamente homens eram superiores e, por isso, eram portadores de muitas oportunidades; enquanto as mulheres eram úteis apenas para as atividades domésticas.

Conforme o passar do tempo, a sociedade foi se moldando em um contexto histórico-social onde as famílias eram estruturadas em um sentido em que a mulher era apenas fonte da gestação e da criação dos filhos (SHIELD 1986 *apud* POESCHL; MURIAS; RIBEIRO, 2003). Tal situação acabou por gerar os estereótipos de um homem assertivo, provedor e confiante enquanto a mulher seria um ser

emocional, dependente e gentil (CASTILLO-MAYÉN; MONTES-BERGES, 2014).

A padronização dos atos como próprio de cada gênero acabou por delimitar as atitudes do indivíduo de um grupo, fazendo com que houvesse uma separação de ações cotidianas, como por exemplo: jogar bola ou fazer aulas de dança. Observa-se, portanto, que os estereótipos engessam e delimitam as atividades do grupo e, conseqüentemente, afetam diretamente a psique do indivíduo inserido em um grupo em que ele não se vê representado.

Castillo-Mayén e Montes-Berges (2014) enfatizam no seu estudo a existência de uma certa mudança nos atuais estereótipos, que iria de acordo com a teoria dos papéis organizacionais, quando o sistema vigente exige que os papéis mudem a sua posição na sociedade para se adaptarem às novas necessidades. Com isso, características anteriormente consideradas masculinas passaram a ser identificadas como femininas e vice-versa, desta maneira, indicando uma reformulação destes estereótipos.

Apesar do apontado, ainda se observam diversos aspectos negativos envolvidos na estereotipagem do gênero. Segundo estudos dirigidos por Bian, Leslie e Cimpian (2017), garotas a partir de seis anos já apresentam sinais de esquivas às atividades voltadas às crianças ‘realmente inteligentes’, e demonstram descrença de que outras crianças do mesmo gênero sejam capazes de realizá-las; enquanto garotos não manifestam grande dúvida a respeito das capacidades intelectuais ligadas a seu gênero. Isso denota que, desde tenra idade, os indivíduos já são suscetíveis a captação do estereótipo de que homens são os ‘mais inteligentes’, o que pode causar desencorajamento por parte das mulheres durante seu desenvolvimento, afastando-as de áreas ligadas à intelectualidade (como física, filosofia, matemática e outras).

Os estereótipos ainda se mostram na expressão e na interpretação de emoções, resultando em diagnósticos psicológicos baseados em pré-conceitos acerca do indivíduo segundo o seu gênero, alinhando-se com o pensamento de Castillo-Mayén e Montes-Berges (2014) que defendem a existência de aspectos negativos com a imposição de um estereótipo sobre um determinado gênero. Tal fato afeta principalmente o gênero feminino ao se tornarem vulneráveis a diversas formas de violência. Os autores também apontam que ao existirem estereótipos a serem seguidos, existe uma diminuição na possibilidade de uma mudança por parte do indivíduo.

Bunting (2012) aponta que as percepções de emoções diferem segundo o gênero daquele que as expressa, assim como a atribuição feita sobre expressões faciais. Ao classificar emoções baseando-se em expressões mostradas pela face, homens são classificados por apresentarem mais raiva enquanto mulheres mais medo e tristeza; embora ambos os sexos relatem sentir a mesma quantidade de tristeza, nervosismo e raiva.

Ainda segundo a referida autora, ao gênero feminino, considerado o mais emocional, é esperado a expressão de emoções de surpresa, felicidade, amor, tristeza, culpa, vergonha, timidez, simpatia e medo. Já para o gênero masculino são esperadas mais reações de raiva e orgulho.

Ademais, rostos femininos tendem a ter emoções como tristeza, medo e raiva atribuídas a motivos emocionais (internos), ao passo que aos rostos masculinos as mesmas emoções são atribuídas a fatores ambientais (externos) (ROBINSON, JOHSON, 1997 *apud* BUNTING, 2012).

Consequentemente, indivíduos tendem a expressar emoções consistentes com os estereótipos de seu gênero como forma de obter um maior status social (RIDGEWAY, 2001), pois homens que expressam raiva em seu ambiente de trabalho possuem um status social maior do que aqueles que expressam tristeza ou mulheres que expressam raiva.

Como apontado por Afifi (2007 *apud* BUNTING, 2012), o gênero ainda influencia o processo de diagnóstico para transtornos mentais. Mulheres possuem uma maior probabilidade de receberem diagnósticos de depressão e transtorno bipolar do que homens, apesar de os sintomas e testes apresentarem resultados semelhantes.

Pesquisas ainda mostram que psiquiatras do gênero masculino tendem a mais facilmente passarem diagnósticos de transtornos de humor para pacientes mulheres do que para homens (LORRING, POWELL, 1988 *apud* BUNTING, 2012). Tendo o gênero do paciente um impacto maior no diagnóstico de transtornos em situações de cansaço e sobrecarga de trabalho (MUROFF et al., 2007, *apud* BUNTING, 2012).

Desta forma, estereótipos podem fazer com que as pessoas apenas procurem ajuda psicológica para problemas que sejam consistentes com o seu gênero, devido a estigmas sociais presentes na sociedade (AFIFI, 2007 *apud* BUNTING, 2012).

Além disso, ainda segundo Bunting (2012), terapeutas podem encorajar clientes a expressarem apenas emoções condizentes com o estereótipo de seu gênero. Pacientes homens acabam não recebendo apoio e suporte para expressarem suas emoções, enquanto mulheres veem suas emoções avaliadas como menos válidas devido ao fato de mulheres serem consideradas emocionais demais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa pode ser constatada uma quantidade limitada de materiais disponíveis na língua portuguesa sobre o tema em questão. Aqueles que foram encontrados buscavam apenas fazer uma síntese sobre a construção histórico-social dos estereótipos em seus diversos meios, seja na sociedade, na mídia ou na literatura. Indaga-se se tal fato ocorre pela falta de interesse no tema ou simplesmente pela falta de recursos voltados à área de pesquisa que assola o país.

Em língua estrangeira foram encontradas pesquisas mostrando de forma prática a existência dos estereótipos de gênero que influenciam a vida dos indivíduos desde sua infância, fazendo com que cresçam e se desenvolvam neuropsicologicamente de acordo com o que é socialmente estipulado a cada gênero.

Tais fatores mostram-se preocupantes, visto que podem impedir o indivíduo de alcançar um desenvolvimento e maturação emocional plenos, cujos resultados negativos podem ser vistos no comportamento demasiadamente agressivo da classe masculina em geral e o comportamento demasiado displicente da classe feminina perante certas situações. Isso abre margem para o ocasionamento de possíveis sofrimentos psíquicos, que, por vezes, acabam sendo considerados insignificantes ou de pouca importância e são ignorados.

Mediante os fatos, mostra-se imperativo a desconstrução dos estereótipos para a promoção do bem-estar tanto individual quanto social, tornando-se fundamental a realização de mais pesquisas que revelem as influências e impactos que tais princípios acarretam ao desenvolvimento da psique humana.

Em relação ao alcance dos objetivos geral e específico, todos foram res-

pondidos, expondo os impactos que esses estereótipos geram e pontuando quais são os estereótipos de cada gênero, confirmando como ainda adjetivos ligados à passividade são assinalados como características femininas e adjetivos imperativos são colocados como características masculinas. Além da estereotipação de ambos os gêneros, percebeu-se, através dos estudos analisados, de que forma esse engesso atinge o gênero masculino e feminino, impedindo essas pessoas de se desenvolverem fora do socialmente estipulado.

Finalmente, referente à realização da pesquisa, foi um grande aprendizado para os envolvidos, esclarecendo diversos outros pontos conectados ao tema apresentado no artigo, servindo para, além do previamente proposto nos objetivos, ampliar os horizontes sobre o assunto, mostrando como os fatores sociais vão além e influenciam significativamente em todos os aspectos da vida humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, M. F. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. *Psic. Clín.*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 41-52, 2005.
- BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BIAN, L.; LESLIE, S.; CIMPIAN, A. Gender stereotypes about intellectual ability emerge early and influence children's interests. *Science*, n. 355, p. 389-391, 2017.
- BLUM, R. W.; MMARI, K.; MOREAU, C. It begins at 10: how gender expectations shape early adolescence around the world. In: **Journal of adolescent health**, v. 61, n. 4, p. S3-S4, out. 2017. Disponível em: <[https://www.jahonline.org/article/S1054-139X\(17\)30355-5/fulltext](https://www.jahonline.org/article/S1054-139X(17)30355-5/fulltext)>. Acesso em: 02 dez. 2018.
- BUNTING, J. **Gendered differences in perceived emotion**: The impact on clinical diagnoses and treatment. Dissertation submitted for the degree of Doctor of Clinical Psychology. University of Exeter. England, 2012.
- BURNES. **Boys and girls in countries rich and poor enter teens with damaging gender stereotypes firmly set**: researchers say 15-country investigation shows adolescent interventions should begin with preteens to avoid health risks of 'gender straitjackets' that include abuse and suicide. 2017. Disponível em: <<https://www.sciencedaily.com/releases/2017/09/170920100033.htm>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

CASTILLO-MAYÉN, R.; MONTES-BERGES, B. Analysis of current gender stereotypes. *Anales de psicología*, v. 30, n. 3, p. 1044-1060, 2014.

FREITAS, S. A mulher e seus estereótipos: Comparando 50 anos de publicidade televisiva no Brasil e Portugal. Universidade do Minho, *Estudos em Comunicação*. n. 16, p. 111-148, jun. 2014.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEITE, F. A publicidade contra-intuitiva: possíveis articulações e reflexos nos estigmas e estereótipos sociais. *Rumores – Revista Online de Comunicação, Linguagem e Mídias*, v. 2, n. 3, 13 dez. 2008.

MORAIS, H. B; STREY, M.N; PULCHERIO, G. Estereótipos de gênero e a vivência da sexualidade. In: **Seminário internacional enlaçando sexualidades**. Salvador, 2009. Disponível em: <<http://www.uneb.br/enlacandosesexualidades/files/2012/04/ESTEREOTIPOS-DE-GENERO-E-A-VIVENCIA-DA-SEXUALIDADE.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2018.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PIERRO, B. **A força dos estereótipos**. 2015. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2015/04/10/a-forca-dos-estereotipos/>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

POESCHL, G.; MÚRIAS, C.; RIBEIRO, R. As diferenças entre os sexos: Mito ou realidade. *Análise Psicologia*, p. 213-228, 2003.

PORTILLO, V. G. **Anima e Animus**. 2007. Disponível em: <http://www.portaldapsique.com.br/Artigos/Anima_e_Animus.htm>. Acesso em: 05 de junho de 2018.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REIS, N.; PINHO, R. Gêneros não-binários: identidades, expressões e educação. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 7-25, jan./abr. 2016.

RIDGEWAY, C. L. Gender, Status, and Leadership. *Journal of Social Issues*. Stanford University. v. 57, n. 4, p. 637-655, 2001.

ROCHA, C. B. A. Um pequeno guia ao pensamento, aos conceitos e à obra de Judith Butler. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 43, p. 507-516, dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332014000200507&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 dez. 2018.

SANTOS, A. A construção do papel social da mulher na Primeira República. In: **Revista Em Debate**. Rio de Janeiro, n. 8 p. 1-18, out. 2009. Disponível em:<www.maxwell.lambda.ele.pucio.br/.../14404.PDFXXvmi=VjvOTseV3SHZaIMQmiDi-s6o11bDT26NZqjNkN3hQVZP7IDZ5VCnpINq>. Acesso em: 09 jun. 2018.

SILVA, S. G. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. **Psicologia: ciência e profissão**. Brasília, v. 20, n. 3, set. 2000.

